

INTERSINDICAL DOS ELETRICITÁRIOS DE SC

LINHAVIVA

Nº 1290 - 05 de novembro de 2015

·IMPRESSO·

A CAMINHO DO OURO

*Jornalista do Sinergia lança livro em
nesta quinta-feira, em Florianópolis* pg 4

ASSEMBLEIAS AUTORIZAM NEGOCIAÇÃO DO SALDO DE HORAS COMPENSÁVEIS

pg 3

CELESC

A revolta da INCOERÊNCIA

**Ataque a
sindicato
da Intercel
apenas
evidencia a
inoperância
do Senge-SC**

Leia na página 2



A REVOLTA DA INCOERÊNCIA

Ataque a sindicato da Intercel apenas evidencia a inoperância do Sindicato dos Engenheiros do Estado de Santa Catarina (Senge-SC)

Na última semana o Sindicato dos Engenheiros de Santa Catarina utilizou seu boletim para atacar um dos sindicatos que compõem a Intercel. Envolvido em um imbróglio com a Diretoria da Celesc na negociação da Participação nos Lucros e Resultados (PLR) 2015, o Senge-SC decidiu eleger os sindicatos da Intercel como responsáveis pela sua incompetência. Enquanto os sindicatos da Intercel conseguiram um avanço importante na PLR 2015, o Senge acredita sua incapacidade de realizar o acordo a um suposto conluio dos sindicatos da Intercel com a Diretoria da Celesc. Mas a revolta é incoerente, pois os atos do Senge-SC demonstram exatamente o contrário.

O problema da PLR 2015

O grande ponto de discordância entre Intercel e Senge-SC na PLR é a forma de distribuição. A Intercel considera que a PLR deve ser distribuída integralmente linear por que todos são fundamentais na empresa. Há pelo menos 5 anos a categoria tem apoiado esta ideia, aprovando a reivindicação de 100%. Este ano os trabalhadores novamente reivindicaram a distribuição igualitária da PLR, deixando claro que não aceitariam retrocesso, nem estagna-

ção. A Celesc propôs manter a distribuição 55% linear e 45% proporcional, que foi rejeitada. Com a mobilização da categoria a Celesc apresentou uma nova proposta, passando a linearidade para 60%. A categoria aprovou a proposta, no espírito de continuar avançando ano a ano rumo ao 100%. E qual o problema da PLR 2015? Para a Intercel nenhum. O problema é do Senge-SC.



A incoerência do Senge-SC: sindicalistas ou chefes?

O Senge-SC tem uma ligação estranha com a Celesc. Uma das "bandeiras" deste sindicato é cobrar que apenas os engenheiros são qualificados para terem cargo de chefia na empresa. E não por acaso, boa parte de seus "sindicalistas" ocupam cargo de chefia na Celesc. Cargos indicados pela Diretoria da Celesc ou pelo Governo do Estado. Cargos de confiança. Então veja a incoerência: com a Diretoria recheada de "sindicalistas" indicados para chefia pela empresa o Senge-SC ainda acusa a Intercel de ter conluio com a Celesc.

É bom aqui também esclarecer o ranço do Senge-SC com a Intercel. Nas décadas de 80/90, no início da mobilização política que levou à criação da Intercel, o Senge-SC fez parte do coletivo. Com uma postura elitista, o Senge não priorizou debater o fortalecimento do coletivo, a defesa dos trabalhadores ou a Celesc Pública. Buscava utilizar o restante da categoria para conseguir conquistas para si.

As críticas do Senge-SC só comprovam que estes não conhecem a história da Celesc, levantando suspeitas sobre cláusulas que compõem o ACT há vários anos. Não há nada de estranho nem suspeito na liberação de dirigentes sindicais da Intercel. Há um trabalho de 50 anos de negociação coletiva que evoluiu para garantir uma representação sindical forte e atuante. Coisa que o Senge-SC não sabe como fazer. A Intercel tem 17 liberações por que faz um trabalho estadual, realizando anualmente o maior evento de trabalhadores da empresa, a Assembleia Estadual, que dá a oportunidade de companheiros de todo o estado debaterem e unificarem suas reivindicações e

"Uma das "bandeiras" deste sindicato é cobrar que apenas os engenheiros são qualificados para terem cargo de chefia na empresa. E não por acaso, boa parte de seus "sindicalistas" ocupam cargo de chefia na Celesc. Cargos indicados pela Diretoria da Celesc ou pelo Governo do Estado. Cargos de confiança. Então veja a incoerência: com a Diretoria recheada de "sindicalistas" indicados para chefia pela empresa o Senge-SC ainda acusa a Intercel de ter conluio com a Celesc"

anseios. Além disso, os sindicatos da Intercel organizam periodicamente, em conjunto com o Representante dos Empregados no Conselho de Administração, o Congresso dos Empregados da Celesc, para debater o futuro da Celesc Pública.

Outra questão levantada pelo Senge-SC é o suposto pagamento de periculosidade e horas extras para os liberados da Intercel. Os dirigentes sindicais da Intercel recebem uma média da remuneração que percebiam

no último ano antes de sua liberação. Essa média de remuneração foi implementada após aprovação dos trabalhadores para que aqueles que se identifiquem com o trabalho sindical e decidam se dedicar à defesa dos direitos coletivos, lutando e beneficiando todos os trabalhadores da empresa, não tenham prejuízo na sua remuneração. Em uma empresa onde a maior parte do efetivo é da área operacional, esta cláusula resguarda os companheiros e da autonomia para o embate com a empresa.

As críticas feitas no boletim do Senge-SC são irresponsáveis e não podemos deixar que seja colocada em xeque a idoneidade dos sindicatos da Intercel, nem conquistas do coletivo. Os sindicatos que compõem a Intercel permanecerão lutando por todos os trabalhadores da Celesc, independente de cargos ou categorias profissionais. É lutando pelo coletivo que fortaleceremos cada vez mais a Celesc na luta pela sua manutenção pública.

Quanto ao Senge-SC, este fica cada vez mais isolado em sua incoerência. Considerando que os demais sindicatos da Intersindical também aprovaram a proposta à PLR 2015, os engenheiros sindicalizados no Senge-SC permanecem os únicos a não receberem a PLR. A Intercel, que representa todos os eletricitários, debaterá o assunto para que os trabalhadores não sejam prejudicados. Aproveitamos para reforçar o convite feito pelo Sinergia em seu boletim, convidando os companheiros engenheiros a se filiarem no sindicato da Intercel de sua região. Por um sindicalismo combativo, venham junto à Intercel.

ASSEMBLEIAS AUTORIZAM NEGOCIAÇÃO DO SALDO DE HORAS COMPENSÁVEIS

Trabalhadores indicam premissas básicas para negociação com a empresa

Os sindicatos que compõem a Intersul realizaram assembleias em todas as áreas da Eletrosul, depois que a Empresa encaminhou uma proposta de negociação do saldo de horas compensáveis. A decisão das assembleias foi pela negociação desta pendência gerada pela empresa a partir de seus próprios equívocos gerenciais. Várias assembleias trouxeram porém, elementos importantes que deverão embasar o estabelecimento de premissas e condições mínimas para uma negociação de fato.

Dentre as questões apontadas pelos trabalhadores, citamos exemplos das assembleias na Sede

da Empresa e no Sertão do Imaruí, onde os trabalhadores levantaram os problemas relativos às regras implantadas pela Eletrosul para o controle da frequência. Os trabalhadores denunciaram que a Empresa não computa até dez minutos da jornada de trabalho logo após o cumprimento das oito horas obrigatórias, ou seja, para um empregado, por exemplo, que tenha cumprido suas 8 horas obrigatórias às 18h, mas que permaneça na empresa até 18h10min, os últimos dez minutos não são creditados no saldo de horas de compensação. Os trabalhadores afirmam que não confiam nas informações disponíveis sobre as

horas de compensação registradas no sistema da Empresa. Informações anteriores à vigência do atual sistema (CONSIST HR), que estavam disponíveis no sistema antigo (TERATERM) estão bloqueadas para consulta pelos empregados. Por isso, querem os trabalhadores o restabelecimento imediato do estado anterior desses registros, à data em que foram efetuadas as alterações no sistema, de forma a garantir a fidedignidade dos dados que serão objeto de negociação.

Os trabalhadores também contestaram nas assembleias a redução da quantidade de horas na proposta da Eletrosul,

e sinalizaram para uma negociação que vise superar esta redução, seja por deságio, seja por qualquer alegação de prescrição de direito. Ao término das assembleias, os trabalhadores ainda registraram seu repúdio à responsabilização dos empregados pela produção do atual passivo. Na visão dos trabalhadores e dos sindicatos que compõem a Intersul, a responsabilidade pelo passivo criado é da gestão da empresa, e não dos empregados.

A Intersul está buscando agendar reunião com a Diretoria da Eletrosul para tratar desta negociação nos próximos dias.

"Na visão dos trabalhadores e dos sindicatos da Intersul, a responsabilidade pelo passivo criado é da gestão da empresa, e não dos empregados"

TRACTEBEL

PRIMEIRA RODADA É DIA 4

Aconteceu nesta quarta-feira, dia 04/11, a primeira rodada efetiva de negociação do Acordo Coletivo de Trabalho dos empregados da Tractebel. A pauta foi entregue dia 24/09, portanto, com tempo mais que suficiente para que a empresa apresente resposta a cada cláusula reivindicada pelos trabalhadores. O conjunto de cláusulas que compõe a pauta pode ser dividido em cinco eixos principais, conforme já divulgado em boletim, sem contudo deixar de registrar que todas são relevantes e devem ser analisadas pela empresa com o mesmo grau de importância.

Eixos principais da Pauta:

Econômico: Destaque para Ganho Real, PLR e Benefício Alimentação;
Saúde: Destaque para Carência de Profissionais Credenciados, Demora na Aprovação de Procedimentos, Valores das Tabelas e Eventos de Alto Custo;
Educação: Destaque para Auxílio Creche, Auxílio Estudante e Incentivo à Formação;
Carreira: Destaque para Progressão, Remuneração de Enquadramento e Tetos das Faixas).
Aposentadoria Complementar: Destaque para Percentuais de Contribuição e Reflexos da aposentadoria Especial e/ou Antecipada no Plano CD.

Até o término da edição a negociação ainda ocorria. Fique atento ao Boletim da Intersul para informações detalhadas da rodada.

TRIBUNA LIVRE

A CULTURA DA NÃO REFLEXÃO

Por Nei Alberto Pies

"Falta-nos reflexão, pensar, precisamos do trabalho de pensar, e parece-me que, sem ideias, não vamos a parte nenhuma".

Ficamos com a impressão de que as futilidades e apetechos do momento tomaram, definitivamente, o lugar da reflexão. Não temos tempo para nos ocupar com os pensamentos, mas temos o maior e mais ingênuo orgulho de nos ocupar com as coisas que despertam o entretenimento, o descompromisso e os prazeres mais imediatos. Fomos transformados numa massa amorfa, acomodada e com poucos vestígios de indignação e questionamento. Somos, apenas, bons consumidores de tudo aquilo que outros pensaram como melhor para a vida da gente.

O mais intrigante e perigoso de nossa cultura de não-reflexão é que abrimos mão das responsabilidades para com a gente e para com o mundo. Sem reflexão, não geramos conhecimentos. Já sem os conhecimentos, gerados pela reflexão, não temos maiores compromissos senão com a nossa própria ignorância. Sem compromissos com a vida e com o planeta, a vida se parece mais leve, mais suave, mais, mais...

Há muito tempo ensinamos que pensar é algo perigoso. Que o melhor é sempre a gente se adaptar aos processos que organizam o mundo. Que o melhor é a gente cuidar de si e deixar Deus cuidar de todos. Ensinamos também que insatisfeitos e descontentes se retirem do lugar ou da posição em que se encontram. Ensinamos, por fim, amar as coisas antes de amar as gentes, as pessoas. Amamos mais as coisas do que as pessoas. Mas o que a gente jamais deixou de ensinar é que somos a partir daquilo que conseguimos ter ou parecer (diante dos outros). Que o mais importante é demonstrar poder e força, custe o que custar.

Os grandes pensadores são, quase sempre, grandes incompreendidos. Saramago alertou a humanidade sobre as suas cegueiras, em obra intitulada "Ensaio sobre a cegueira".

Como somos, sem ideias? O que seremos sem reflexão (que nada mais é do que pensar a ação humana)? O que importa é que, apesar desta cultura de não-reflexão já ter tomado conta de quase todo mundo, ainda conseguimos espaços para perguntar e refletir, como estou fazendo agora. Resta saber se ainda existem espaços para a gente mudar, de verdade, o percurso que a engenhosa humanidade já decidiu trilhar. Se ainda temos tempo de nos humanizar (nos tornar seres humanos melhores).

Eu ainda acredito e por isso escrevo. Por isso também você está lendo o que a minha consciência e minha reflexão pediu para dizer.

Nei Alberto Pies, professor, escritor e ativista de direitos humanos.



LINHA VIVA é uma publicação da Intersindical dos Eletricitários de Santa Catarina
Jornalista responsável: Paulo C. Horn (SRTE/SC 3489)
Conselho Editorial: Wanderlei Lanartowicz
Rua Max Colin, 2368, Joinville, SC | CEP 89216-000 |
(047) 3028-2161 | E-mail: sindsc@terra.com.br
As matérias assinadas não correspondem, necessariamente, à opinião do jornal.

A Caminho do Ouro

Jornalista do Sinergia lança livro nesta quinta-feira

"Esta pequena ilha tem muitas atrações: suas frutas não têm rivais; sua paisagem é selvagem e pitoresca; seus habitantes são amáveis e calmos. O clima embora cálido é influenciado por uma brisa marinha que faz com que o calor nunca seja opressivo. Os pássaros desta ilha são fora do comum pela doçura e brilho de sua música. A fertilidade do solo é vista na rica vegetação que oscila numa massa verdejante sobre vales estreitos e escarpados. Parece que o Éden saiu do leste no formato de uma ilha".

A encantadora descrição de Santa Catarina foi feita por um norte-americano no meio do século 19. Ele e outros milhares de conterrâneos passaram por aqui rumo a Califórnia onde iam a busca de ouro. E é esta a história que conta o livro "A Caminho do Ouro – norte-americanos em Santa Catarina" de Jeff Franco e Marli Cristina Scomazzon baseada em dezenas de manuscritos dos viajantes daquela época. Uma história ainda inédita na História de Santa Catarina.

Os viajantes sem exceção ficavam encantados com tudo: com a comida (sobretudo o café e frutas exóticas), com a beleza da paisagem, com a hospitalidade dos nativos e ouve até aqueles que apaixonados por alguma mocinha desistiram da busca ao ouro e ficaram por aqui definitivamente. O contato com os catarinenses foi idílico na maioria dos casos mas também aconteceram conflitos e até mortos e a polícia local teve muito trabalho inclusive para repatriar viajantes que desistiam da jornada. É que viajar em pequenos barcos, por tantos quilômetros não era fácil. As queixas dos navegantes eram muitas e a falta de costume com o mar um grande empecilho.

Todos estes norte-americanos viviam na costa leste dos Estados Unidos país

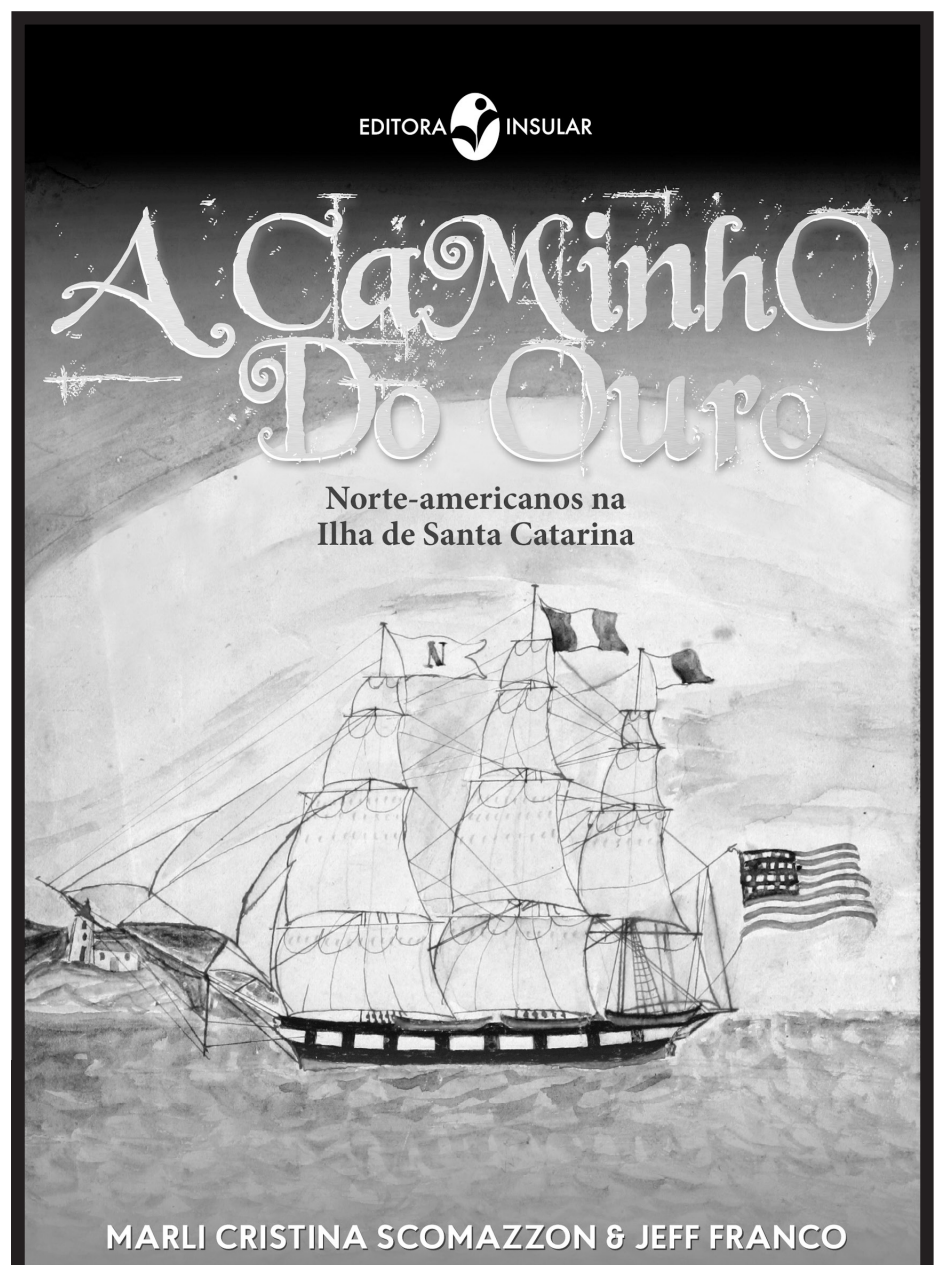
que recém anexara a Califórnia após uma breve guerra com o México. Logo após o fim da guerra foram descobertas enormes jazidas de ouro na terra recém conquistada. Mas, não haviam estradas que cruzassem o país e o caminho era difícil e perigoso por causa dos índios ferozes, das imensas montanhas e vales cortados por caudalosos rios. Não havia ainda o canal do Panamá e a rota que consistia em contornar a América do Sul era a mais conhecida por todos. Este caminho era usado há muito tempo pelos baleeiros e viajantes dos EUA e Europa que comerciavam com o oriente.

"A encantadora descrição de Santa Catarina foi feita por um norte-americano no meio do século 19. Ele e outros milhares de conterrâneos passaram por aqui rumo a Califórnia onde iam a busca de ouro. E é esta a história que conta o livro "A Caminho do Ouro – norte-americanos em Santa Catarina" de Jeff Franco e Marli Cristina Scomazzon baseada em dezenas de manuscritos dos viajantes daquela época. Uma história ainda inédita na História de Santa Catarina"

O livro também dedica um capítulo a contar como os catarinenses viveram estes anos de invasão norte-americana. Existiam aqueles que se esforçaram ao máximo em ser bons anfitriões, outros viram no episódio uma boa oportunidade de lucro e teve quem se exasperou com a avalanche de homens ruidosos e ávidos por aventuras. Contrabando incontrolável pelas autoridades, caça a desertores e alforria de escravos foram episódios corriqueiros daquela época.

A atuação do consulado norte-americano em Desterro encerra o livro. Foram mais de 50 anos de atividade, alguns muito agitados e outros mais calmos. Os cônsules durante a febre do ouro fizeram o possível para que a invasão fosse mais suave possível, mas nem sempre tiveram êxito. Na correspondência oficial que ficou até nossos dias é possível observar também a influência que alguns deles tiveram na comunidade.

Em resumo, "A Caminho do Ouro" resgata um período da história de Santa Catarina do qual não se tinha notícia e que foi esquecido pela memória popular.



Lançamento

Data: 05 de novembro (quinta-feira)

Local: Fundação Badesc

Rua Visconde de Ouro Preto, 216 - Centro - Florianópolis

Informações

acaminhodoouro@hotmail.com

(48) 8809-6761

Marli Cristina Scomazzon

Editora Insular



MARLI CRISTINA SCOMAZZON É JORNALISTA DO SINERGIA DESDE 1991 E FOI DURANTE VÁRIOS ANOS JORNALISTA RESPONSÁVEL DO LINHA VIVA

